

# A violência e a paternidade na cultura: Tropa de Elite

*Violence and the father in culture: Elite Squad*

*La violencia y la paternidad en la cultura: Tropa de Élite*

Liliana Liviano Wahba\*

Barbara Tancetti\*\*

## Resumo

*O artigo propõe uma leitura da violência a partir da noção do arquétipo paterno na sociedade ocidental pós-moderna, e, mais especificamente, da manifestação violenta e tirânica do pai tanto em seu aspecto individual como coletivo. O objeto de reflexão é o filme Tropa de Elite (2007). Neste, procura-se evidenciar a vertente cultural da figura paterna, que se manifesta nas instituições responsáveis pela estruturação social e a disseminação de valores culturais. Analisa-se o personagem central, capitão Nascimento, em conflito com o dever corporativo – se seu ambiente violento – e a emergência de uma função paterna na família que requer apropriação renovada do feminino. As novas configurações familiares e culturais realçam o paradoxo da figura paterna na contemporaneidade, que é caracterizada por uma coexistência de valores tradicionais e transformações nas estruturas sociais. Essa leitura promove novas perspectivas para a função paterna, bem como suas manifestações no contexto de violência social.*

**Palavras-chave:** pai; violência; cinema brasileiro; psicologia analítica

## Abstract

*This article proposes an outlook on violence considering the concept of the father archetype in post-modern western society and, more specifically, the*

---

\* Doutora em Psicologia, analista junguiana e professora da PUC-SP do Departamento de Psicodinâmica. E-mail: lilwah@uol.com.br

\*\* Psicóloga formada pela PUC-SP, mestranda em Psicologia Clínica, no Núcleo de Estudos Junguianos, pela mesma instituição. E-mail: ba.tancetti@gmail.com

*violent and tyrannical expression of the father figure in both individual and collective dimensions. The starting point of this reflection is the movie Elite Squad (2007), and its rendering of the father figure's cultural dimension and its manifestations through institutions responsible for moral shaping and the dissemination of cultural values. The analysis centered on the main character, captain Nascimento, and the conflict between his corporative duty – and its violent ambiance – and the emergent father figure in a family context that requires a renewed search for the feminine. New arrangements of family and culture result in a paradox concerning the father figure in contemporary society, which is characterized by the coexistence of traditional values and changes in social structures. This analysis presents new perspectives for the father figure, as well as its manifestations in the context of social violence.*

**Keywords:** father; violence; Brazilian cinema; analytical psychology.

## Resumen

*El artículo propone una lectura de la violencia a partir del arquetipo paterno en la sociedad occidental post-moderna, y, más específicamente, de la manifestación violenta y tiránica del padre, tanto en su aspecto individual como colectivo. El objeto de reflexión es la película Tropa de Élite (2007). En este, se busca evidenciar el aspecto cultural de la figura paterna, que se manifiesta en las instituciones responsables por la estructuración social y propagación de valores culturales. Se analiza el personaje central, capitán Nascimento, en conflicto con el deber corporativo – y su ambiente violento – y la emergencia de una función paterna en la familia que necesita de apropiación renovada del femenino. Las nuevas configuraciones familiares y culturales implican y destacan el paradojo de la figura paterna en la contemporaneidad, que es caracterizada por una coexistencia de valores tradicionales y transformaciones en las estructuras sociales. Esta lectura favorece renovadas perspectivas para la función paterna, bien como sus manifestaciones en el contexto de violencia social.*

**Palabras clave:** padre; violencia; cine brasileño; psicología analítica.

A história da violência é a história da própria espécie humana. Etimologicamente, a palavra violência deriva do latim *violentia* – da raiz semântica *vis* que equivale a força – significando opressão, imposição de uma parte sobre outra mediante o emprego de força, seja ela de natureza física, política, psicológica, social, dentre outras. No enredo mítico ocidental e oriental, a violência viu-se protagonista de diversos momentos, retratando, assim, as origens de sociedades e suas instituições, tradições e transformações. Mais especificamente, a violência encontra-se presente nos mitos de

origem, não necessariamente de forma personificada, mas como essência ou força concomitantemente geradora e destruidora, responsável por importantes momentos e transformações ao longo dessas narrativas. Em seu trabalho sobre a perspectiva histórica e social da violência, Zoja (2009) considera também seu aspecto essencial e criativo do qual depende a vida em si, tornando o estudo da violência um dos mais importantes estudos da psicologia.

Sob uma perspectiva moral, entretanto, a violência é considerada indesejável para a sociedade, que demanda uma mediação capaz de aplacar a livre expressão de determinadas formas de violência e agressividade consideradas incompatíveis com as relações sociais. Zoja (2009) pontua que a moralidade atrelada a uma compreensão reducionista – frequente no pensamento ocidental –, apreende sob um único ponto de vista fenômenos de natureza paradoxal, complexa e multifacetada, o que aumenta a funcionalidade do observador e empobrece a própria experiência. Tal perspectiva pouco diferencia a agressão da violência, e dá-se como destrutivo tudo aquilo que seja conflitante com as estruturas culturais e sociais vigentes.

Sob a perspectiva psicológica, o princípio do desenvolvimento da teoria psicanalítica atribuiu à imagem paterna a lapidação moral, a contenção dos impulsos e a imposição da disciplina, responsáveis pela inserção social do indivíduo durante o desenvolvimento infantil. De acordo com a teoria junguiana, tal manifestação arquetípica do paterno ocorre na relação familiar entre um pai e seus filhos, assim como no coletivo, por meio de instituições responsáveis pela disseminação e implementação de valores culturais, no âmbito jurídico, legislativo, religioso, educativo. Ampliando o alcance para o aspecto coletivo da função paterna, esta se manifestaria numa sociedade vigente com seus polos norteadores e restritivos. Ou seja, se de um lado o pai contém a violência, de outro, a impõe.

A reflexão que remete à intersecção entre a figura paterna e sua condição de delimitador da violência ou de perpetuação da mesma é instigante, particularmente ao demarcar a expressão violenta do pai. No presente artigo, o tema é abordado via produções culturais e artísticas, que detêm uma posição proeminente na análise de um determinado contexto social e histórico, dado seu potencial de articular o temporal e o atemporal,

retratando concomitantemente os anseios e desejos dominantes de uma determinada sociedade, bem como aqueles inerentes à condição humana universal, conferindo-lhes continuidade. Segundo Wahba (2008) o artista, por sua disposição de entrega ao inconsciente e atenção aos conflitos vigentes, pode acionar a consciência ética e confrontar os complexos culturais de sua época e entorno.

Dentre essas produções lançamos o olhar para a cinematografia contemporânea, campo frutífero de pesquisa para compreender um dado contexto em termos de realidade com seus aspectos prospectivos e simbólicos (Ceballos, 2011). Propõe-se uma leitura sobre a violência a partir da noção do arquétipo paterno na sociedade ocidental pós-moderna, abrindo novas perspectivas para a função do pai e suas manifestações no contexto de violência social.

O cinema brasileiro contemporâneo caracteriza-se de modo geral pela temática recorrente e explícita da violência e, em especial, da violência social dentro das produções cinematográficas de alto impacto de audiência. O filme *Tropa de Elite* (2007), que emplacou com um dos maiores índices de bilheteria do cinema brasileiro, retrata a violência social de forma explícita como tema central. O narrador e protagonista é Nascimento, capitão do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), responsável por combater a criminalidade e o tráfico de drogas nas favelas do Rio de Janeiro. A trama desenvolve-se em 1997 com a vinda do Papa à cidade, enquanto Nascimento busca um substituto diante da iminência do nascimento de seu primeiro filho. Concomitantemente, o filme narra a história de Neto e Matias, dois jovens honestos aspirantes à polícia militar que logo são desiludidos pelos seus superiores corruptos e o comportamento imoral que assola o departamento, e, eventualmente, se alistam para serem membros do BOPE sob o comando de Nascimento.

Ao longo da narrativa, o filme retrata a violência como condição natural e recorrente no cotidiano dos habitantes da favela e dos policiais do BOPE, ao mesmo tempo em que aponta para a mudança de percepção por parte de Nascimento a respeito da natureza violenta de seu trabalho, sensibilizado pela perspectiva de tornar-se pai. Ele começa a sofrer ataques de pânico, ansiedade e remorso quando a mãe de um menino morto por

traficantes durante uma missão do BOPE pede a Nascimento o direito de enterrar o próprio filho. A partir desse momento, Nascimento demonstra crescente ansiedade e instabilidade no trabalho e em casa com sua esposa Rosane, ao mesmo tempo em que constrói seu espaço e seu papel como pai acompanhando a gestação a distância durante as missões policiais.

Neste cenário, Neto e Matias começam seu treinamento intensivo com Nascimento para tornarem-se um membro do BOPE, e a decisão de Nascimento concernente à sua substituição fica clara quando Neto assume a postura forte e violenta necessária para ocupar o seu lugar. Entretanto, com a morte de Neto decorrente de uma série de eventos fortuitos, Nascimento é compelido a confrontar a realidade de sua situação, aliando-se a Matias em uma caça violenta nas favelas do Rio de Janeiro.

Como postula Samuels (1992), a relação do pai com a criança pode ser compreendida como, concomitantemente, biológica e cultural quando comparada à maternidade, que constitui uma relação biológica inerente que é explícita e evidente. A relação de paternidade é, portanto, biologicamente mais frágil, e tem que ser declarada abertamente para ser reconhecida e autorizada socialmente. Trata-se de uma vinculação que pode servir tanto de embrião para novas possibilidades, como também de reflexo de suas condições vigentes.

O autor aborda a evolução da imagem paterna inicialmente como uma figura edípica, tirânica e castradora dentro do pensamento psicanalítico, em que também há uma supervalorização do papel materno no desenvolvimento infantil, para, posteriormente, retornar ao pai ainda como uma figura de autoridade, contudo igualmente essencial para o desenvolvimento da criatividade, senso de ética, imaginação e para a saúde emocional e mental de maneira geral. A partir dessa perspectiva, Samuels (1992) aponta uma transformação na imagem paterna que enfatiza seus elementos positivos, ao mesmo tempo em que refere à manutenção, dentro da esfera social e cultural, do pai negativo e violento decorrente de uma tradição falocêntrica.

Este aparente paradoxo pode ser compreendido por meio da coexistência de duas imagens paternas aparentemente antagônicas na contemporaneidade: de um lado, a partir de uma compreensão simbólica e individual, uma relação cada vez mais corporal e direta do pai com seus filhos, em um

contexto cultural em que a paternagem passa gradativamente a englobar atividades como troca de fraldas, alimentação e banho, anteriormente concebidas como atividades vergonhosas para os homens e restritas à esfera feminina e doméstica; de outro, considerando sua dimensão coletiva embasada em uma estrutura patriarcal de funcionamento social, o pai ainda serve como representação e personificação da moral, da ética e dos princípios culturais, de acordo com os elementos de organização social vigentes e os contextos específicos de cada cultura. Entende-se ainda que essa personificação da moral vigente pode tanto manter-se estruturante quanto tornar-se autoritária.

Zoja (2003) compreende a moderna e emergente imagem de paternidade – caracterizada pelo cuidado e pelo contato – como incapaz de apreender o cerne e a realidade do papel do pai, dado que o cuidado primário é ainda majoritariamente atribuído à mãe, mantendo o pai como mero coadjuvante neste tipo de tarefa. O autor infere que o pai não pode ser percebido como parte de uma relação dual de cuidado, como é a maternagem, dado que, tanto arquetipicamente como historicamente, o pai é tradicionalmente retratado no centro da família, usando um uniforme ou alguma forma de identificação de sua posição social e de sua ocupação. Zoja (2003) enfatiza a importância do aspecto social do arquétipo paterno, em detrimento de sua dimensão individual, posto que ainda é concebida como uma responsabilidade do pai representar a complexidade do mundo externo, tomar decisões e, conseqüentemente, fazer tanto o bem quanto o mal: ter de sujar as mãos.

Na narrativa, *Tropa de Elite* exibe uma expressão extrema e patológica de violência e de suas conseqüências. Não obstante, é possível perceber o paradoxo da imagem paterna em diferentes dimensões, presente como conflito central do enredo do filme: confrontado com seu próprio papel e dever de pai, Nascimento vivencia um conflito interno, manifesto nos sintomas agudos de ansiedade. Ele engata na tarefa de buscar um sucessor, uma vez que seu papel social e coletivo não é compatível com o papel emergente de pai, que não é capaz de perdurar em um contexto profissional tão violento. Tal objetivo, entretanto, é bruscamente desviado com a morte de

Neto, e Nascimento encontra-se reinserido no ciclo autoperpetuador de violência e dominação com o qual ele buscava romper, compelido a cumprir seu dever como capitão do BOPE e a adotar o lugar do pai coletivo terrível.

Tomando como referência sua dimensão social – como as missões policiais nas favelas retratadas no filme – a violência e a dominação configuram-se como elementos constituintes da masculinidade e, consequentemente, do paterno. Em geral, todos os seres humanos dispõem de agressividade, e a sociedade pressupõe que o filho seja capaz de apreender as capacidades combativas e as expressões de força e violência por meio da identificação com o pai (Zoja, 2003). Entretanto, quando levamos em consideração o aspecto moral da imagem paterna, existe um conflito decorrente do paradoxo entre sua dimensão coletiva vigente e sua dimensão individual.

No filme, Nascimento desempenha o papel do pai em forma dupla: como tutor de Matias e Neto, treinando-os por meio de rituais de iniciação caracterizados por violência e dominação, e em sua relação com sua esposa grávida, a partir de uma esperada e nova experiência de paternidade. Essa dualidade desperta em Nascimento o remorso e a dúvida, aspirando romper com a perpetuação de violência que caracteriza seu lugar social.

Samuels (1992) mostra que a relação entre pai e filho faz parte da elaboração de um *telos*, de uma abordagem intencional do ato agressivo que, por sua vez, depende do reconhecimento não verbal da intenção agressiva. O *telos* pode manifestar-se por meio de criatividade e da paixão, ou sob a forma de uma relação tirânica e opressiva. Discorrendo sobre a onipotência tirânica do arquétipo paterno, Colman (2000) aponta que o aspecto criativo e de cuidado do pai pode ser reduzido a uma experiência violenta e opressiva quando se encontra no contexto de supervalorização da masculinidade e uma consequente depreciação do materno feminino – características de uma estrutura patriarcal. Seja no mundo interno do núcleo familiar ou no contexto expandido da cultura e da sociedade, o espaço do feminino encontra-se eclipsado pela dominação e pelo poder masculinos. Nesse cenário, a potencial complementariedade e equilíbrio entre as duas polaridades é destruída, e o patriarcado encontra-se alinhado com aspectos narcisistas.

A relação paternal entre Nascimento e seus aprendizes toma a forma de narcisismo a partir do momento em que eles são treinados para substituírem seu mentor, ou seja, serem iguais a ele. Na dinâmica narcisista, a parte dominadora – representada pelo pai tirânico – toma a outra como uma extensão de si e de sua vontade, causando, concomitantemente, medo e admiração. De acordo com Colman (2000), é de suma importância considerar a dupla parental para compreender o pai tirânico, na qual o feminino materno configura-se como elemento essencial para frear a perpetuação da opressão e da tirania. Em outras palavras, a polaridade feminina seria uma condição *si ne qua non* para a preservação do aspecto criativo do pai.

O autor ainda salienta que, em muitas sociedades patriarcais, existe uma ruptura entre a dominação feminina no contexto doméstico e familiar e a dominação masculina no mundo externo. Em uma cena icônica de *Tropa de Elite*, Rosane convence Nascimento a dar prosseguimento com seu plano de encontrar um sucessor, o que se trataria de uma escolha objetiva e aparentemente óbvia, e Nascimento desconsidera sua intuição de que há algo errado. Ao mesmo tempo em que Rosane tenta proteger seu marido e sua família em formação, ela é incapaz de compreender a realidade violenta em que Nascimento está inserido. Destarte, a reação é explícita: com a morte de Neto, Rosane defronta-se com uma demonstração de poder de Nascimento, que, em uma tentativa de reafirmar sua autoridade, explicitamente atesta ‘Quem manda [...] aqui sou eu’. Diante da expressão violenta do marido em casa, Rosane sai de casa levando o filho recém-nascido, retirando-se de uma situação potencialmente perigosa e deixando uma carta para Nascimento como lembrete duradouro de seu conflito pendente e de sua responsabilidade perante sua família.

É possível perceber no decorrer do filme que Nascimento recorre à tirania, narcisismo e comportamento violento na tentativa de lidar com a impossibilidade de resolução e mediação do conflito entre o feminino e o masculino criativos e o patriarcado tirânico. Isto é, o pai pessoal amoroso e justo e o terrível e violento pai coletivo. Esse ciclo repetitivo violento – sinal de repressão –, é perpetuado e intensificado na ausência do pai transformado. Como sugere Zoja (2003), a resolução para o conflito do pai ainda precisa encontrar conformidade com as demandas culturais e sociais da

imagem paterna, especialmente em contextos caracterizados por intensa agressão e conflitos morais. Entretanto, ainda cabe à figura paterna tal resolução, visto que é na paternidade, tanto individual quanto coletiva, que reside o germe da transformação. Em outras palavras, a figura paterna pode, diante desse conflito, assumir uma atitude reducionista e narcísica, com acentuação da violência destrutiva, ou transformar a agressão com o auxílio da presença da polaridade feminina, tornando a criatividade possível.

No caso de Nascimento, o conflito entre classes sociais, agravado pela criminalidade e marginalidade, traz à tona a problemática moral e ética decorrente da incompatibilidade da imagem paterna transformada que emerge e a imagem do pai tirânico dominante. Essa é a verdadeira tarefa que Nascimento precisa enfrentar - como sugere seu nome -, para dar espaço ao surgimento e à criação de novas possibilidades.

## REFERÊNCIAS

- Ceballos, S. P. de C. (2011). Mal estar, violência e cinema: um olhar psicanalítico. *Revista Memento*, 2(1), 1-13.
- Colman, W. (2000). Tyrannical omnipotence in the archetypal father. *Journal of Analytical Psychology*, 45(4), 521-539.
- Samuels, A. (1992). *A psique plural: personalidade, moralidade e o pai*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Tropa de Elite [*Elite Squad*] (2007). Diretor: J. Padilha. Producers: J. Padilha & M. Prado. Distribuidoras: Universal Pictures (Brasil), 20th Century Fox (EUA), ZON Lusomundo (Portugal). Brasil.
- Wahba, L. L. (2008). Arte e Cultura. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, 26, 73-80.
- Zoja, L. (2003). *Il gesto di Ettore: Preistoria, storia, attualità e scomparsa del padre*. Torino, ITA: Bollati Boringhieri.
- Zoja, L. (2009). *Contro Ismene: considerazioni sulla violenza*. Torino, ITA: Bollati Boringhieri.